

A REPRESENTAÇÃO DO MEDO EM *THE ERLKING* DE JOHANN GOETHE E *ERL-KING* DE ANGELA CARTER

Maisa dos Santos Trevisoli(ILEEL/UFU)
mahtrevisoli@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho pretende refletir sobre como o medo se configura em um poema e em uma narrativa e qual o efeito desse medo em ambos. Mais especificamente, estudaremos como o medo é tratado pelo eu-lírico na balada de Johann Goethe, *The Erlking*, e pelos personagens da releitura da lenda *Erlking*, realizada pela escritora Angela Carter. Carter traz uma protagonista forte, que, ao se envolver intimamente com o rei dos elfos, Erl-king, vê-se encurralada e amedrontada ao notar que sua vida está em risco, mas não se deixa abater, tomando providências que a salvam. Goethe escreve a história de um pai e seu filho, que se vê atormentado pelo rei do elfos, e, por se negar a acompanhá-lo, é morto pelo nobre. Essas histórias foram influenciadas pela balada escandinava, *Elveskud*, sobre a vingança planejada pelas filhas do rei dos elfos contra Olav, um homem prestes a se casar, que recusa as investidas amorosas feitas pelas filhas por amor a sua amada. Ao observar o medo nas obras analisadas, percebe-se a diferença na natureza deste sentimento. Na obra de Goethe, observa-se o medo do desconhecido, da criatura difundida pelo mito. No caso da protagonista de Carter, esta se vê cercada de avisos e advertências contra a criatura da floresta, mas prefere ignorá-los e se deixar seduzir pelo Erl-king. Seu mecanismo de autopreservação só é ativado quando ela sente que está se perdendo, quando percebe que sua voz e sua essência estão em perigo.

PALAVRAS-CHAVE: medo, releitura, Angela Carter, Johann Goethe, Erl-king

Lendas, mitos, contos de fadas, bem como outras narrativas populares sempre tiveram em suas tessituras o elemento do medo. Os contos de fadas, narrativas que foram orais por muito tempo antes de serem documentadas e publicadas, continham monstros terríveis, bruxas grotescas, canibalismo, e outros aspectos que foram retirados para que se adequassem ao público infantil. Assim, o perigo e o sobrenatural foram importantes incentivadores na criação de histórias populares, pois o desconhecido representa, ainda hoje, uma fonte de possibilidades para a elaboração de narrativas que possuem como combinação o encanto do maravilhoso, o mal em suas diversas formas, a adrenalina do perigo e a curiosidade de leitores que buscam neste tipo de história uma possível purgação de emoções. Como aponta Lovecraft (2008, p.13), “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido”.

O medo é uma emoção que tem seu lado negativo e positivo. No primeiro caso, o medo provoca em nós sentimentos como o sofrimento que sentiremos por algo que acontecerá no futuro, ou o desespero de que algo fatalmente acontecerá ou, ainda, a incerteza de não saber qual caminho será tomado e o resultado dessa escolha. Mas não podemos nos esquecer de que o medo contém a habilidade positiva de se comunicar com

mecanismos de autopreservação, chamando a atenção para sinais que nos orientam se podemos enfrentar o que está por vir ou se será melhor nos afastar.

Segundo França (2012, p.2), “pode-se dizer que o medo produzido por causas sobrenaturais é o mais recorrente na Literatura Gótica – a principal forma literária do medo na modernidade.” Ao se pensar em gótico na literatura, geralmente, lembra-se de monstros como o da obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, levantando da mesa do laboratório de seu criador; de fantasmas em castelos abandonados e de criptas de onde saem criaturas obscuras. O gótico nasceu da necessidade, no século 18, de se trazer o sagrado ou o transcendental para confrontar o racionalismo do Iluminismo. Goethe traz em seu poema “Erlkonig,” ou em inglês, “The Erl-King,” esse cenário sombrio típico da literatura gótica em que seus personagens, pai, filho e Erl-King, representam a batalha entre emoção e razão. Goethe buscou sua inspiração na balada, “The Erl-King’s Daughter”, traduzida e transcrita por Johann Gottfried von Herder a partir de uma variante dinamarquesa da balada escandinava, *Elveskud*, sobre a vingança planejada pelas filhas do rei dos elfos contra Olav, um homem prestes a se casar com a mulher de sua vida, que recusa as investidas amorosas feitas pelas filhas do nobre por ser apaixonado pela sua noiva.

Goethe retrata em sua balada um pai que segura seu filho em cima de um cavalo que corre pela floresta em certa noite. Ao notar seu filho tremer, o pai lhe pergunta o motivo e este lhe responde que o Erl-king “com sua coroa e barba longa e branca”¹ (LEWIS, 2010, p.84, tradução nossa) está próximo. O pai tenta distrair seu filho falando o quanto eles irão se divertir no local onde estão indo, mas o menino insiste dizendo que Erl-king sussurra em seu ouvido. O pai não consegue ouvir ou ver a criatura, e assim, fornece uma explicação lógica que ele está ouvido a brisa passando pelos galhos. O filho continua, em desespero, tentando convencer seu pai que Erl-king e sua filha o esperam. Mas o pai somente responde: “Oh, envergonhe-se, meu querido, este medo lhe deixa cego/ Tu viste o escuro carvalho que se agita no vento”² (LEWIS, 2010, p.84, tradução nossa). Neste momento, Erl-king anuncia seu desejo pelo menino e ele o terá mesmo que a força. O menino chora: “Meu pai! meu pai! oh! abrace-me agora rápido!

¹ “with his crown and his beard long and white”

² “Oh, shame thee, my darling, ’tis fear makes thee blind;/ Thou see’st the dark willow which wave in the wind”

Ele me puxa! Ele me machuca e irá me ter finalmente!”³ (LEWIS, 2010, p.85, tradução nossa). A agonia sentida pelo filho faz com que seu pai corra o mais rápido que pode, mas ao chegar ao seu castelo nota que a “vida não mais pulsa no peito de meu doce bebê”⁴, como o pai mesmo relata. (LEWIS, 2010, p.85, tradução nossa).

Os instintos de sobrevivência dos seres humanos possuem relação íntima com o medo e isso se deve, possivelmente, a nossa consciência de que um dia deixaremos o mundo dos vivos, de que a vida não é infinita. Em associação a essa finitude, tememos o que não conseguimos controlar e, de acordo com Zygmunt Bauman (2008), “o que não somos capazes de administrar nos é "desconhecido", o "desconhecido" é assustador. Medo é outro nome que damos à nossa indefensabilidade.” (p.125). Na obra de Goethe, observa-se o medo do desconhecido, da criatura difundida pelo mito espalhado pela sociedade em que pai e o filho vivem; histórias que tem como função educar e controlar o desenvolvimento do ser humano. O destino oculto que será dado ao menino caso Erlking tome posse dele deixa-o apavorado, porém ele não tem a quem recorrer porque só ele vê e ouve a presença da criatura. Podemos observar aqui a batalha entre a lógica e a imaginação, que tem como desfecho a morte do menino. Em outras obras, como “Fausto” e “Os sofrimentos do jovem Werther”, Goethe emprega características românticas que fogem aos moldes previstos nos ideais do Iluminismo, este último movido pela lógica e a razão. No poema, “The Erl-king”, todas as vezes que o filho expressa as visões que este tem da criatura a seu pai, o homem procura acalmar o filho dando explicações “naturais” para elas, pois não acredita na existência de presenças sobrenaturais. Percebe-se a representação do Iluminismo através da figura do pai, e a representação do ser Romântico através da figura do filho.

Em 1979, no livro “The Bloody Chamber”, Angela Carter revisita essa história em forma de conto, empregando similarmente a Goethe a atmosfera gótica de seu poema. Carter retoma esse poema através do processo revisionista, que fornece novas perspectivas a obras já escritas, reescrevendo-o a partir de um novo ângulo. Segundo Adrienne Rich (1972, p.18), “re-visão” nada mais é do que “o ato de olhar para trás, de ver com novos olhos, de entrar em um texto antigo com novas direções críticas- é para nós mais que um capítulo na história cultural”⁴(tradução nossa).

³ “My father! my father! oh! hold me now fast! He pulls me! he hurts, and will have me at last”⁴
 “life throbb’d in the sweet baby’s bosom no more.”

⁴ “the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction is for us more than a chapter in cultural history”

Carter escreve, em sua versão, sobre uma jovem que adentra a floresta sentindo-se “tão confiante quanto a chapeuzinho vermelho indo para a casa de sua avó, mas essa luz não admite ambiguidades e, aqui, ela será presa em sua própria ilusão, porque tudo na floresta é exatamente como parece ser.”⁵ (CARTER, 1997, p.85, tradução nossa) Ao ouvir o canto dos pássaros e ao perceber a atmosfera em sua volta mudando, ela sabe que não está sozinha naquela floresta. Mesmo com o aviso que Erl-king faria mal a ela, continua seu caminho, acompanhando a melodia dos pássaros, sem medo, querendo descobrir o que a floresta escondia. Erl-king a aguarda, e ela se encanta com onde ele mora, como vive e como a trata. A única coisa que a incomoda são os vários pássaros presos em gaiolas. Ela o visita em suas caminhadas e ele a deita em sua cama. “Ele é o delicado açougueiro que me mostrou como o preço da carne é amor; tire a pele do coelho, ele diz! Para baixo vai todas as minhas roupas.”⁷ (CARTER, 1997, p.87, tradução nossa). Ela não tem medo dele, está “apenas, com medo da vertigem, da vertigem com que ele se apodera de mim. Com medo de cair.”⁶ (CARTER, 1997, p.87, tradução nossa). Aos poucos, a jovem nota sua dependência ao toque e abrigo de Erlking, sua submissão àquela criatura. “O gélido verde de seus olhos fixa o reflexivo de meu rosto; É um conservante, como um líquido âmbar verde; ele me envolve. Eu tenho medo de ficar presa nele para sempre.”⁷ (CARTER, 1997, p.90, tradução nossa). É como se os olhos dele a aprisionassem e ela se tornasse tão pequena quanto seu reflexo, até o ponto em que desapareceria; tão pequena que ela poderia caber em uma das gaiolas reservadas para os pássaros. Nesse momento é que ela percebe que era exatamente esse o destino que Erlking planejava: colocá-la junto a seus outros pássaros, que na verdade eram mulheres atraídas por ele que acabavam presas na floresta. “Quando percebo o que o Erl-King queria fazer comigo, eu sou agitada por um medo terrível e eu não sabia o que fazer, pois eu o amava com todo meu coração”⁸ (CARTER, 1997, p.90, tradução nossa). Seu amor por ele deixa claro que apenas abandoná-lo não seria suficiente, e assim, a protagonista escolhe matá-lo para ser livre, independente, para que possa encontrar o seu “eu”.

⁵ “as trustingly as Red Riding Hood to her granny’s house but this light admits of no ambiguities and, here, she will be trapped in her own illusion because everything in the wood is exactly as it seems.”⁷ “He is the tender butcher who showed me how the price of flesh is love; skin the rabbit, he says! Off come all my clothes.”

⁶ “only, afraid of vertigo, of the vertigo with which he seizes me. Afraid of falling down.”

⁷ “The gelid green of your eyes fixes my reflective face; It is a preservative, like a green liquid amber; it catches me. I am afraid I will be trapped in it for ever”

⁸ “When I realized what the Erl-King meant to do to me, I was shaken with a terrible fear and I did not know what to do for I loved him with all my heart”

Compreende-se que o medo sentido pela protagonista na reescrita de Carter foi engatilhado de forma diferente na balada de Goethe. A protagonista não tinha medo da criatura em si, mas sim do que ele poderia fazer com a sua essência, com a sua voz. O desejo por Erl-king e por seus atributos a consomem de tal maneira que no final ela só tem uma solução, matá-lo, para que ela não seja capturada pela música sensual emitida pelo mundo de seu amor, para que ela não vire parte da natureza como as garotas transformadas em pássaros ou apenas um reflexo no olhar de Erl-king. Segundo Bauman,

A ideia de "risco" reapresenta de maneira indireta, e reafirma tacitamente, o pressuposto da regularidade essencial do mundo. Sob esse pressuposto é que os riscos podem ser em tese, de acordo com sua própria definição, calculados - e só enquanto esse pressuposto se sustenta é que é possível tentar, com certo grau de sucesso, minimizá-los por meio da ação ou inação. (2008, p.129)

O medo está entre os sentimentos mais difíceis de fazerem sentido, pois quando ele surge, de maneira contínua ou aleatória, não deixa rastros das raízes que o fizeram brotar. Essa falta de origem causa grande desconforto quando se tenta compreendê-lo, causando sentimento de impotência por estarmos no escuro, sem saber quais ferramentas utilizar para nos proteger de perigos futuros ou iminentes. Durante muito tempo, a protagonista de Carter se envolveu em uma relação íntima submissa com Erlking, o sentimento de medo estava lá, ao olhar nos olhos de seu amado, mas a identificação deste medo era ineficiente. Não havia quem a ajudasse, quem a salvasse desta perdição que era continuar nos braços de Erl-king, e por fim ela escolheu se libertar sozinha através da única ferramenta que tinha em mãos, o restante da sua autoconfiança.

O conto aborda, igualmente a balada, o tom gótico através da natureza que provoca tanto na protagonista como no leitor certo encanto pelo sombrio. A floresta descrita pelo narrador é como um labirinto fechado, e só ela decide quanto libertar quem a adentra. Erl-king é tanto a natureza, quanto a criatura. Ele tem folhas em seus cabelos, animais sobem nele como se fosse uma árvore, ele se mistura com a floresta como fosse parte inerente desta apresentando, assim como a natureza, o fascínio e o perigo. A descrição do ambiente em que Erl-king vive nos faz lembrar de obras do século XIX, em especial de poemas como os de Blake, Wordsworth ou Coleridge, nos quais a natureza é descrita imagetivamente, como se estivéssemos vendo o que é retratado: “Uma por uma, as samambaias enrolaram seus cem olhos e se desenrolaram de volta para a terra”⁹ (CARTER, 1997, p.85, tradução nossa). “A raposa de cor enferrujada, seu focinho afiada

⁹ .”“One by one, the ferns have curled up their hundred eyes and curled back into the earth.”

até chegar a uma ponta, descansou sua cabeça sobre seu joelho.”¹⁰(CARTER, 1997, p.85-86, tradução nossa). O uso de imagens em poemas ajuda a provocar representações mentais que se ligam aos nossos cinco sentidos nos fazendo sentir a história e não só lê-la. Dessa maneira, podemos ser quase capazes de sentir o que está acontecendo com a protagonista, sua paixão e seu medo, seu encantamento e sua aflição.

A busca pela autopreservação é algo que sempre iremos ansiar e perseguir, através de pequenas atitudes ou de drásticas decisões. A modernidade trouxe, juntamente com a ciência e tecnologia, mais segurança para a humanidade através de previsões, maneiras de amenizar danos e conter ameaças provindas da natureza ou do próprio ser humano. Isso pode nos dar a sensação de que estamos livres do sentimento de medo, mas, na verdade, esta sensação de medo é crescente, e, ultimamente, o pior inimigo não é mais a incerteza trazida pelos eventos da natureza, e sim a capacidade das pessoas de provocarem males uns aos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUMAN, Zygmunt. Medo Líquido. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CARTER, Angela. The Bloody Chamber. Estados Unidos: Penguin, 1997
- FRANÇA, J. Monstros reais, monstros insólitos: aspectos da literatura do medo no Brasil. In: _____. Ensaios sobre literatura do medo. Disponível em: <<http://sobreomedo.wordpress.com/>>. Acesso em: 04 junho 2015.
- LEWIS, Matthew Gregory. Goethe's The Erl-king. Trad. M. G. Lewis. In: Tales of Wonder. Canada: Library and Archives Canada Cataloguing in Publication, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&id=U0bIZ2awwb4C&q=erl-king#v=onepage&q=erl-king&f=false>
- LOVECRAFT, H.P. O horror sobrenatural em literatura. São Paulo: Ilumiuras, 2008
- RICH, A. When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision. In: Women, Writing and Teaching. College English, Vol. 34, No. 1. Estados Unidos: National Council of Teachers of English, 1972, p. 18-30.

¹⁰ “The rusty fox, its muzzle sharpened to a point, laid its head upon his knee.”